

## **Cronicamente irônico: Uma análise da linguagem literária nas crônicas de Arnaldo Jabor<sup>1</sup>**

Jonathan SOUZA<sup>2</sup>

Eliana ALBUQUERQUE<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### **Resumo**

A intenção deste artigo é investigar como a crônica jornalística se apropria da linguagem literária para a representação de fatos do cotidiano. Assim, pretende-se também observar como o cronista utiliza das potencialidades desta linguagem para demonstrar suas opiniões e persuadir seus leitores. Neste sentido, o objeto desta análise será a crônica *Dilma viu a uva do vovô*, do jornalista e cineasta Arnaldo Jabor, postada em seu *blog* na versão *online* do Jornal *O Globo*, em 14 de outubro de 2014.

**Palavras-chave:** crônica jornalística; linguagem literária; cotidiano; opiniões.

### **Introdução**

Não é de hoje que as pessoas gostam de contar boas histórias. Sejam épicas, líricas ou dramáticas, elas foram, ao longo do tempo, meio de expressão de sentimentos, ideais, críticas e fabulações. As crônicas surgem, neste contexto, como histórias reais da vida cotidiana. Contadas em textos curtos e em prosa, elas são classificadas como um gênero literário e também como um gênero jornalístico. Desse modo, na fronteira entre jornalismo e literatura, o cronista utiliza os fatos sociais como matéria-prima para escrever sobre o cotidiano. A sua linguagem foge aos cânones de objetividade e imparcialidade da reportagem, sendo classificada como parte do estilo opinativo de informação. Assim, sua escrita adquire a subjetividade própria de textos literários, recheada, muitas vezes, com toques de humor, ironia ou sarcasmo, que refletem a opinião do cronista.

Apesar de relacionada hoje ao jornalismo, em sua gênese, a crônica pertencia ao gênero histórico. Nesse sentido, El Fahl (2010, p. 33) afirma que no período entre a Idade Média e o início da Idade Moderna, ela “era um tipo de texto que objetivava enfileirar,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC-BA, email: jonathansouza14@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UESC-BA, email: nanealbuquerque@hotmail.com.

cronologicamente, acontecimentos que merecessem ser lembrados na posteridade”. Segundo a autora, na Portugal do século XIV surge a figura de Fernão Lopes, cronista-mor da Torre de Tombo e funcionário real, que tem a função de registrar as histórias e feitos dos reis. Além disso, ainda em Portugal, apareceu uma infinidade de crônicas de viagens marítimas, fruto do desejo expansionista da época, como a carta de Pero Vaz de Caminha.

Nesse contexto, Schneider (2011) ressalta que o vocábulo “crônica” deriva do grego *chronikós*, que faz referência ao tempo (*chrónos*), o que justifica sua íntima relação com a História. Citando Neves (1992), Schneider (2011, p. 3) considera que a crônica pode ser tida ainda hoje como um documento histórico na medida em que se apresenta “como imagens de um ‘tempo social’ e ‘narrativas do cotidiano’”.

Vinculada ao jornalismo no século XIX, a crônica se fixa no Brasil e se torna um meio de propaganda de ideias progressistas e conservadoras em debate na época. Em uma estrutura jornalística artesanal, os jornalistas se digladiavam na defesa de suas ideologias. No entanto, com a profissionalização do trabalho jornalístico e a transformação do jornalismo em uma indústria de notícias, o escritor de crônicas ganhou um novo status. Assim, muitos cronistas passaram a integrar as mídias com os seus constrangimentos. Além disso, mantendo o ideal de isenção e objetividade, os meios de comunicação de massa passaram a tarefa de opinar e se posicionar acerca das questões da atualidade para comentaristas, colunistas e cronistas.

Nesse sentido, a análise da crônica jornalística precisa levar em conta o tipo, o tempo e a estrutura na qual o cronista está inserido. Desse modo, considerando a crônica jornalística como um gênero amplamente presente em diversos meios de comunicação da atualidade, como jornais, revistas, rádios e TVs, e observando o seu potencial influenciador, este trabalho tem a intenção de realizar um estudo de caso da crônica *Dilma viu a uva do vovô*, do jornalista e cineasta Arnaldo Jabor, com o objetivo de analisar como a linguagem literária é utilizada na construção do texto opinativo.

### **A Crônica como Palanque no Século XIX**

Segundo os estudiosos deste gênero, a consolidação da crônica no Brasil está intimamente ligada ao desenvolvimento do jornalismo no país. Teixeira (2002) esclarece que a gênese da crônica está no folhetim, que não se estrutura como um romance, mas sim como um espaço plural onde se publicava textos voltados ao entretenimento.

Para El Fahl (2010), na metade do século XIX, o Brasil está instalado num território de transformações internas e externas. A Revolução Industrial, a urbanização e as ideias iluministas trazidas da Europa influenciam o pensamento de artistas e intelectuais, que, ávidos pelo progresso, encampam movimentos abolicionistas e republicanos. Este campo de mudanças sociais, políticas e econômicas é também uma época de efervescência cultural e intelectual, e neste contexto que os primeiros cronistas surgem, utilizando-se dos jornais para defender suas convicções. Segundo a autora, “os agenciadores da cultura viviam entre as ideias e a militância. Ser abolicionista ou escravocrata, republicano ou monarquista representava posições ideológicas que dividiam a intelectualidade da época” (EL FAHL, 2010, p. 31).

Apesar de possuir um processo de produção artesanal na época, a imprensa era hegemônica e, assim, se tornou o veículo perfeito para a propaganda de ideologias progressistas ou conservadoras. Os jornais possuíam opiniões bem definidas quanto às questões em voga no período e os cronistas os utilizavam como palanques eleitores. Desse modo,

O homem letrado funcionava como uma espécie de farol disseminador dos novos pensamentos. A militância nos jornais torna-se condição *sine qua non* dos intelectuais da época. Os discursos em torno da tríade do progresso, abolição, república e democracia, povoavam os periódicos (EL FAHL, 2010, p. 32).

No entanto, não só a política foi tema dos escritores da vida cotidiana. Nessa perspectiva, Teixeira (2002) afirma que, neste período, as crônicas eram consideradas textos escritos sobre temas variados, de política a teatro, dos fatos rotineiros do dia-a-dia às expressões íntimas de cada autor. Porém, segundo a autora, essas publicações foram sempre vistas como um “gênero menor” para os críticos literários, por entenderem que elas não possuíam um nível de refinamento na linguagem. Desse modo, muitos escritores romancistas escreviam suas crônicas e assinavam com pseudônimos.

A atividade jornalística se desenvolveu nos séculos seguintes. Segundo El Fahl (2010, p. 38), os jornais impressos tiveram um largo período de pujança “entre o último quartel do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX”, tendo como principal pilar os textos literários. A partir daí, com o surgimento e a popularização de outros meios de comunicação, a crônica passa a ganhar novos contornos no rádio, na TV e, por fim, na internet.

## Entre o Literário e o Jornalístico

No Dicionário Aurélio (1986), crônica é definida como um “texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas factos ou ideias da atualidade”<sup>4</sup>. Na fronteira entre o jornalismo e a literatura, esse tipo de texto adquire características próprias nos dois gêneros. Enquanto um gênero jornalístico, as crônicas assumem a função de fazer um relato/comentário dos acontecimentos ordinários do dia-a-dia. No entanto, por também ser um gênero literário, a crônica não é escrita de acordo com a rigidez de uma matéria jornalística, pois há uma liberdade na sua estrutura e na subjetividade com que o tema é tratado.

A crônica também deve ser um texto curto, comprometido com a rapidez do tempo no mundo atual e, assim, escrito com o objetivo de atrair a atenção da população em meio à correria diária. Schneider (2011, p. 4) observa este fato ao afirmar que:

A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra. Este caráter da crônica se deve ao fato dela não ter pretensões de durabilidade. Dessa forma, o cronista age de maneira mais “solta” e “leviana”, examinando os acontecimentos pelo ângulo subjetivo da interpretação. Eis a liberdade do cronista.

Desse modo, no universo da literatura, a crônica pode ser considerada como um texto literário em prosa, ligado ao jornalismo. A sua matéria-prima são os fatos do cotidiano e sua escrita é associada à realidade e não à ficção. De modo geral, o cronista transforma assuntos sérios ou banais em objetos de discussão.

Na crônica, o escritor demonstra a sua opinião, mas ela não é dada facilmente, pois se fundamenta a partir dos argumentos do cronista, articulados na lírica dos poemas, nas narrativas dramáticas ou até com pitadas de ironia, sarcasmo e humor. Nesse sentido, para uma melhor compreensão do gênero, Beltrão (1980) propõe uma divisão das crônicas em dois grandes grupos: o primeiro estaria ligado à natureza do assunto abordado e subdivide-se em: geral, local e especializada; o segundo se refere ao tratamento dado ao tema, subdividindo-se em: analítica, sentimental e satírico-humorística.

Para representar a realidade, o cronista precisa sempre estar à espreita, como um observador atento à dinâmica da sociedade, esperando que surja um novo e potencial tema

---

<sup>4</sup> Apud LOPES, 2010, p.3.

de discussão. Além disso, ele deve escrever levando em conta não só os aspectos estéticos, mas também pensando estrategicamente na melhor forma de causar impacto no leitor.

### **O Jornalismo Opinativo**

O gênero crônica foge ao ideal de objetividade e imparcialidade proposto pela teoria jornalística do espelho. Beltrão (1980, p. 66) define a crônica como “a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos”. Nesse sentido, podemos identificá-la no jornalismo de gênero opinativo.

Na medida em que a crônica se põe no universo do opinativo, o cronista se utiliza da linguagem literária para não só demonstrar suas opiniões, mas também persuadir seu público. Segundo Vilaça (2012, p. 4), “não há discurso totalmente livre de persuasão, o que há são distintos níveis de intensidade persuasiva”. Assim, diferente da reportagem jornalística, o escritor de crônicas se coloca no texto, selecionando os pontos importantes de uma notícia, comparando com outros pontos do mesmo fato e utilizando de suas ideologias para dar um parecer sobre as questões que se colocam diante dele.

Vilaça (2012) observa que no jornalismo cada uma das palavras e sentenças é pensada, articulada e utilizada de modo a cumprir sua função de persuasão. Este ponto se justifica, ainda mais, no fato de hoje a atividade jornalística ter se tornado uma indústria, na qual a notícia é o produto. No jogo do mercado, o que dita o que vai ser publicado nos jornais, revistas e na internet, e o que vai ao ar nas programações das TVs e rádios, é aquilo que irá dar mais audiência e, por conseguinte, mais lucro aos meios de comunicação. No entanto, a forma e o potencial de persuasão são diferentes em cada meio. “Na televisão, uma notícia não persuasiva (se escrita fosse) ganha uma abordagem totalmente diferente através do tom de voz do repórter. Alterando (de certa maneira) o sentido da notícia” (VILAÇA, 2012, p. 5). Em relação à internet, o texto é escrito e estruturado com o objetivo de ter leitura rápida e fácil. Além disso, por ser uma mídia mais interativa, é disponibilizado, muitas vezes, espaço para que os leitores se manifestem, comentando os textos dos cronistas.

Campos (2009, p. 3) enfatiza a importância do gênero opinativo ao afirmar que o jornalismo não tem só o dever de informar e divertir, mas “também tem o direito e o dever de opinar. É com a opinião segura, abalizada, bem fundamentada que, o veículo de comunicação cumpre seu papel social a serviço do receptor, agindo com transparência,

passando seriedade e credibilidade”. Campos (2009, p. 4) afirma ainda que “é necessário que os jornalistas tenham liberdade para comentar a realidade, orientando seus leitores”. Como citado anteriormente, hoje para manter o ideal de isenção e objetividade do jornalismo, esta tarefa de se posicionar foi transferida para profissionais especializados: os comentaristas, colunistas e cronistas. Estes profissionais que podem ser jornalistas ou não, assinam suas matérias e, muitas vezes, não possuem uma relação direta de trabalho com os meios de comunicação. Desse modo, é uma forma da grande mídia dizer: essa opinião é dele, e não minha.

A articulação dos gêneros informativo e opinativo no jornalismo coloca mais tempero na análise de um fato para o público. Segundo MacDougall,

Interpretação é um julgamento objetivo, baseado no conhecimento acumulado de uma situação, tendência ou acontecimento. O julgamento editorial, por sua vez, é avaliação subjetiva; pode incluir uma perspectiva dos fatos, mas existe um elemento adicional e diferenciador chamado impacto emocional. A opinião deve ser confinada, quase religiosamente, na página editorial; a interpretação é uma parte essencial do noticiário (MACDOUGALL, 1963 apud MELO, 2003, p. 31).

Neste sentido, a compreensão de um acontecimento descrito em crônica deve levar em conta as ideologias do escritor, assim como os objetivos econômicos e ideológicos do meio para o qual ele escreve.

### **Jabor e suas crônicas**

Nascido em 12 de dezembro de 1940, Arnaldo Jabor é crítico, cineasta e escritor. Ele iniciou sua carreira no cinema como assistente de direção e posteriormente produziu vários documentários e filmes, dos quais se destacam: os curtas-metragens *O Circo* (1965) e *Carnaval* (1990) e os longa-metragens *Toda Nudez Será Castigada* (1973), *O Casamento* (1975), *Tudo Bem* (1978), *Eu Te Amo* (1980) e *Eu Sei que Vou Te Amar* (1984). Ele publicou diversos livros, como *Os Canibais Estão na Sala de Jantar* (1993), *Brasil na Cabeça* (1994), *Sanduíches de Realidade* (1997), *Amor é Prosa, Sexo é Poesia* (2004) e *Pornopolítica* (2006).

No jornalismo estreou em 1991 com uma coluna assinada no jornal *Folha de São Paulo*. Em 1995 passou a trabalhar no Jornal *O Globo* como colunista. A partir daí, passou a ser comentarista no *Jornal Nacional* e no *Bom Dia Brasil* (Rede Globo de Televisão).

Hoje permanece com uma coluna no Jornal *O Globo*, comenta os fatos do cotidiano no *Jornal da Globo* (Rede Globo de Televisão) e é colunista da Rádio CBN. Além disso, suas colunas são publicadas semanalmente no jornal *O Estado de S. Paulo* (SP), *A Tribuna* (BA), *O Tempo* (MG) e em diversos outros jornais do país.

Os temas das crônicas de Arnaldo Jabor variam de política nacional e internacional a cinema e amor. Suas opiniões tem um forte potencial de influência e são desse modo, muito discutidas. Porém, Jabor não possui somente admiradores, mas também muita gente que não concorda com suas críticas.

### **Análise da crônica *Dilma viu a uva do vovô***

No dia 14 de outubro de 2014, Arnaldo Jabor publicou em sua coluna na versão online do Jornal O Globo, a crônica intitulada *Dilma viu a uva do vovô*. O texto trata da campanha eleitoral de segundo turno à Presidência da República em 2014, e sugere, entre outras coisas, que a candidata à reeleição Dilma Rousseff estaria conduzindo sua campanha de forma mentirosa com o objetivo de se manter no poder e também seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>5</sup>. Para analisar o conteúdo e a forma da crônica é preciso evocar a análise do discurso. Vilaça (2012, p. 5) observa que: “no discurso, a ideologia deixa marcas no texto e, ao se unir com as condições de produção do discurso, dão indícios das intenções do sujeito-autor ao produzir o texto e dos métodos utilizados para isso”.

Ainda segundo a autora, a análise do discurso estuda os fatores histórico-culturais da produção de um discurso, assim como todas as estratégias utilizadas para persuadir quem é interpelado por ele, no que diz respeito aos sentidos explícitos e implícitos. Nesse sentido, é importante, antes de tudo, aprofundar o contexto histórico em que a crônica foi escrita. Após uma disputa acirrada no primeiro turno, os candidatos à Presidência, Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) obtiveram um coeficiente de votos que os permitiram concorrerem ao segundo turno. Neste sentido, pela sexta vez, o PT e o PSDB disputaram esta fase das eleições. Para alguns analistas, os dois partidos apresentam duas propostas de governo distintas, enquanto o Partido dos Trabalhadores é visto como um partido de centro-esquerda, o Partido Social Democrata do Brasil é tido como um partido de centro-direita.

A campanha eleitoral de segundo turno, assim como a primeira, foi marcada por inúmeras denúncias de corrupção pela mídia, e estas foram utilizadas pelos candidatos em

---

<sup>5</sup> No período, o Partido dos Trabalhadores já havia governado 12 anos o país, dos quais dois mandatos de 4 anos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (2002-2006 e 2006-2010) e um mandato de 4 anos da presidente Dilma Rousseff (2010-2014).

suas campanhas para arrecadar votos dos descontentes. Outro ponto presente nesta Eleição foi o uso da palavra “mudança” no *marketing* dos concorrentes, construída com base em um desejo de mudanças dos brasileiros com a política nacional. Fato esse que foi aferido por meio dos institutos de pesquisa de opinião pública após uma onda de manifestações populares em junho de 2013.

Na primeira semana da segunda fase das Eleições já foi demonstrada que a definição do pleito seria difícil. As primeiras pesquisas de intenção de votos mostravam os candidatos tecnicamente empatados e depois conduzindo a uma vantagem de Aécio Neves. Durante a última semana da campanha de segundo turno, a candidata Dilma Rousseff aparecia nas pesquisas eleitorais de grande parte dos institutos de pesquisa em primeiro lugar, com uma pequena vantagem para seu concorrente.

No que diz respeito à forma, o texto é curto, levando em conta o suporte internet e as características próprias do gênero. Além disso, é estruturado em parágrafos com perguntas que questionam as condutas (irregulares, para ele) da presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff e do seu partido, das quais nos parágrafos seguintes às perguntas, ele mesmo responde negativamente. Essa construção textual remete a uma explicação didática dos fatos apresentados. Segundo Vilaça (2012, p. 3):

Jabor escreve de forma tão natural como se falasse a seus leitores ou contasse uma história. Escreve como se fizesse um roteiro de cinema, possibilitando, assim, que a leitura de sua crônica seja bem compreendida e visualizada como se fosse uma imagem ou um filme.

Outro ponto que se destaca na construção do texto de Jabor é o uso frequente de ironias, que se caracteriza quando o autor não opina diretamente, mas deixa subentendida a sua crítica.

O título *Dilma viu a uva do vovô*, em consonância com o texto, já sugere uma questão interessante: a ideia de que a presidente Dilma haveria visto (sabido) dos casos de corrupção envolvendo a Petrobrás. As denúncias mostram que havia um esquema na estatal de superfaturamento de contratos, com o objetivo de financiar campanhas de políticos. Além disso, o discurso de Jabor demonstra que a Presidente além de saber do caso, teria dado o aval enquanto chefe do Conselho de Administração da empresa, e este seria só mais um dos casos de corrupção do governo, dos quais Dilma saberia. As informações se fundamentam no conteúdo da delação premiada de um dos diretores da estatal, acusado de



facilitar o esquema e de outros depoimentos da investigação. A presidente Dilma Rousseff sempre negou a participação em atos ilícitos na Petrobrás, assim como a investigação ainda em curso na Polícia Federal não apontava a participação da presidente no esquema de corrupção.

Outro ponto que emerge no discurso de Arnaldo Jabor é uma ideologia contrária às posições do Partido dos Trabalhadores, acusando-os de ditadores que tem como objetivo a implantação do bolivarianismo e do socialismo no Brasil. Essa ideia seria justificada pelas relações políticas e comerciais com a Argentina e a Venezuela. A ideologia, para Vilaça (2012, p. 5), “é tudo em que o indivíduo acredita e usa como orientação para suas ações enquanto ser social e político. As ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo individuais ou de certos grupos formam a visão ideológica”.

Aqui vale à pena destacar que a Argentina adotou recentemente medidas de regulação dos meios de comunicação que limita a propriedade e o número de mídias por cada grupo de comunicação. Este fato é visto por alguns especialistas (assim como, pela Rede Globo) como uma interferência do governo na liberdade de imprensa, mas outros defendem esta medida como essencial para a democratização das comunicações.

Jabor ainda questiona a condução da economia pela presidente, ressaltando a alta da inflação e o baixo crescimento apontados por especialistas para o ano, e diz que Dilma não admite que errou nesta área, acusando-a de “onipotente”. Além disso, Jabor questiona o fato de colocarem em xeque as análises pessimistas das grandes empresas de comunicação sobre este fato, dizendo que o governo acha que está certo e a imprensa que está errada. Assim, apesar de questionar a onipotência da Presidência da República, ele defende a onipotência do jornalismo da chamada grande mídia.

O autor aborda ainda em seu texto uma questão recorrente após o resultado do primeiro turno: a divisão de votos dos candidatos entre as regiões do país, no qual a candidata à reeleição Dilma Rousseff obteve maior número de votos no norte-nordeste e o candidato Aécio Neves obteve mais votos no sul, sudeste e centro-oeste<sup>6</sup>. A razão desta divisão, segundo o autor, está representada pelos “pobres analfabetos” (do norte-nordeste) e pelos bem informados (do sul-sudeste-centro-oeste). Os primeiros não teriam um nível de educação e informação satisfatório e dependeriam mais, desse modo, de programas sociais. Já os últimos teriam um maior nível educacional e maiores informações sobre os candidatos, assim, não votariam em Dilma. Neste sentido, esta visão preconceituosa

---

<sup>6</sup> Este fato se revelou também no resultado do segundo-turno.

corroborar para a realização de manifestações xenofóbicas principalmente contra os nordestinos.

Diante disso, é possível observar que no discurso de Arnaldo Jabor se revelam questões importantes: uma visível opinião contrária à reeleição da presidente Dilma Rousseff e uma ideologia anti-socialista e anti-esquerdista, além de preconceituosa. Além disso, de acordo com as teorias da ação política evocadas por Traquina (2005), a visão do autor mostra um interesse na manutenção de interesses políticos e econômicos da direita e do capitalismo. Assim, de acordo com Traquina (2005, p. 163),

[...] seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc.

### **Considerações finais**

A crônica ainda hoje é uma fonte de estudos quanto ao hibridismo entre literatura e jornalismo presente na construção de sua linguagem, assim como seu potencial discursivo de persuasão enquanto um gênero opinativo. Qualquer uma destas análises é importante na observância do jornalismo enquanto construtor da realidade e da crônica como um documento histórico de fatos do cotidiano.

As crônicas de Arnaldo Jabor são um exemplo disso. Enquanto um escritor e jornalista com grande influência no País, Jabor se apropria dos elementos de linguagem da crônica, como o uso de texto curto e em prosa, no qual se articulam frases e palavras com o objetivo de persuadir seus leitores a comprar o seu discurso. A ironia é um dos seus trunfos, “dizendo algo sem dizer claramente”, ele chama mais atenção e torna o texto mais enfático.

Apesar de escrever sobre coisas diferentes, o tema mais recorrente das críticas de Jabor é política e a crônica analisada neste artigo segue esta temática. Suas ideologias se demonstram claramente em suas opiniões, ao se posicionar contrário à reeleição da presidente Dilma Rousseff, ao socialismo e à esquerda. A intenção dele foi se utilizar dos acontecimentos ocorridos durante o período da campanha eleitoral de 2014, como as denúncias de corrupção envolvendo a Petrobrás e emitir um discurso contrário à manutenção do governo do PT.

Assim, é importante que o leitor, ouvinte ou telespectador esteja atento às estratégias de persuasão dos autores de crônicas e dos meios de comunicação aos quais ele

está vinculado, tal como procurar se informar sobre os acontecimentos em outros meios e buscar visões diferentes sobre o mesmo assunto. Com isso, ele terá meios para fazer uma melhor análise e formar sua própria opinião.

### Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

EL FAHL, Alana de O. Freitas. **Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX**. Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: Uefs, 2013, p. 31-42. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel\\_anais.p31-41.pdf](http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf)>. Acesso em: 6 nov. 2014.

LOPES, Paula Cristina. **A crônica (nos jornais): o que foi? O que é?** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>>. Acesso em 5 nov. 2014.

MELO, J.M.M. **Jornalismo opinativo**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

VILAÇA, Julliana Nery. **O discurso de Jabor na crônica “O castelão de Edmar e o feudalismo”**. Revista Linguagem/UFSCAR, Santa Catarina, vol. 5, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/012.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

SCHNEIDER, Clárcio Ivan. **Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?** São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica\\_jornalistica.pdf](http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalistica.pdf)>. Acesso em 5 nov. 2014.

TEIXEIRA, Tattiana. **A crônica política no Brasil: um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luís Fernando Veríssimo**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/teixeiratattiana-cronica-politica-Brasil.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.